



# **BOLETIM KULTRUN**

**VOL. 2, Nº5, AGOSTO DE 2020**



**BOLETIM COMEMORATIVO: 25 DE JULHO**  
**Dia Internacional da Mulher Negra**  
**Latino-Americana e Caribenha**

**POESIA**

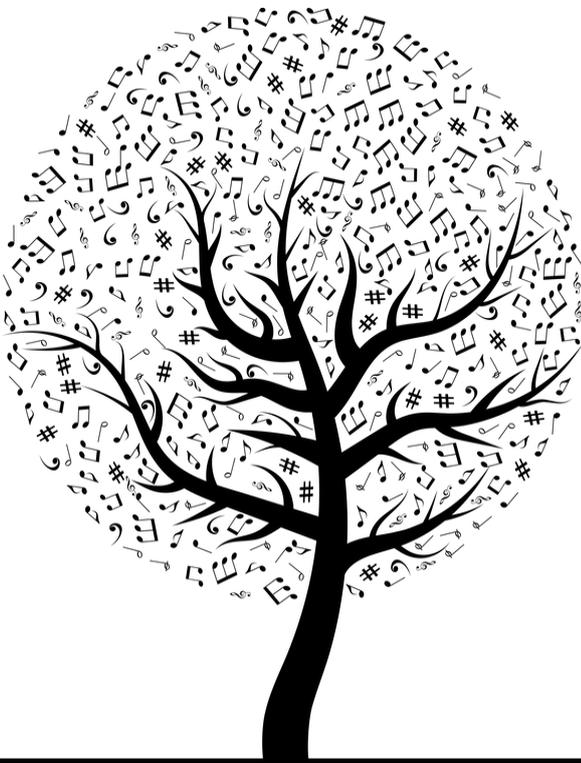
**MÚSICA**

**CONSCIÊNCIA**

**@ KULTRUN 2020**

**VOL. 2, Nº 5, AGOSTO DE 2020**

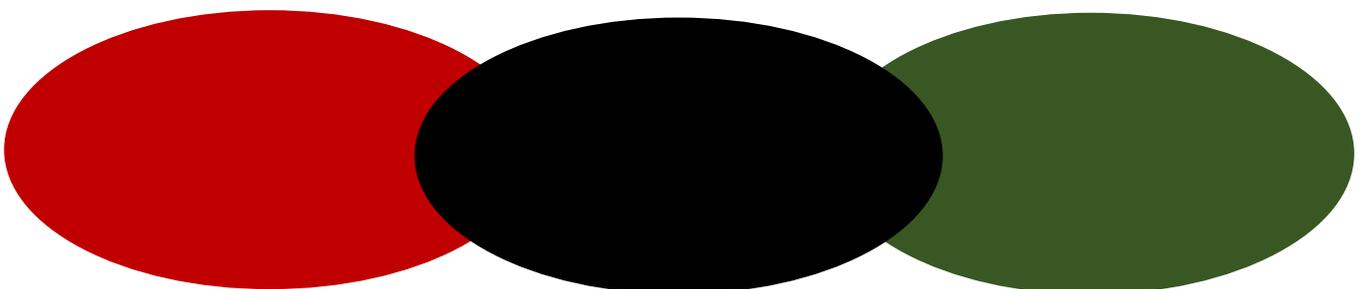
Eduardo Fava Rubio | Edição  
Miguel Ahumada Cristi | Desenho e edição  
Alessandra Mawu Oliveira | Edição  
Patrícia Regina Queiroz | Edição  
Flavia Lages | Edição  
Federico Zurita Hecht | Edição



**Portada:** Marielle Franco  
**Fuente:** SinproABC

---

[www.boletimkultrun.com](http://www.boletimkultrun.com)





## KULTRUN

O Boletim do Centro Interdisciplinar de Letras e Artes (CILA) é um instrumento de divulgação de manifestações ou expressões artístico-culturais no âmbito das áreas de conhecimento que integram o Centro. O Boletim utiliza os idiomas castelhano e português e valoriza, igualmente, a presença de outras línguas, sobretudo indígenas.

Esta quinta edición de 2020 conmemora el Día Internacional de la Mujer Negra Latinoamericana y Caribeña –nombrado también como Día de la Mujer Afrolatina, Afrocaribeña y de la Diáspora– celebrado el pasado 25 de julio. Cinco mujeres negras nos deleitan con poesía, música y reflexiones acerca de sus anhelos, problemas, desafíos y la hermosa posibilidad que es ser mujer negra en Latinoamérica y Caribe.

Deseándoles placer en la lectura del Boletín

### DIRECCIÓN DE KULTRUN

**Universidade Federal da Integração Latino-Americana, PR, Brasil**

Eduardo Fava Rubio

Miguel Ahumada Cristi

Alessandra Mawu Oliveira

Patricia Cenci Queiroz

**Universidade Federal de Fluminense, RJ, Brasil**

Flavia Lages de Casto - UFF

**Universidad Finis Terrae, Santiago de Chile**

Federico Zurita Hecht





---

## SUMARIO

---

<b>Sobre o 25 de Julho</b> .....	5
Fernanda Marinho	
<b>Prosa poética antirracista</b> .....	8
Julia Batista Alves	
<b>Eu, amefricana – vídeo poema</b> .....	13
Cici Andrade	
<b>Presente!</b> .....	16
Letícia Abrão Ferreira	
<b>Fé no chão e outras músicas amefricanas</b> .....	19
Clarissa Lotufo de Sousa	

## FERNANDA MARINHO

### Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha – 25 de Julho

Resistência é ser mulher –e negra– em um país machista e racista, como o nosso. Estudos apontam que as chances de uma mulher ser vítima de violência doméstica aumentam drasticamente enquanto estivermos na base da pirâmide salarial do país. Representamos a maioria da população brasileira em números, porém, não temos essa representatividade na política ou em qualquer meio social.

Desde os anos de 1980, mulheres negras, latino-americanas e caribenhas, já discutiam a violência e a falta de visibilidade que sofriam em nosso continente. Em 1992, por exemplo, essas mulheres se reuniram na República Dominicana e instituíram o dia 25 de julho como o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. A partir de então, com o reconhecimento da ONU, essa data passa a ser um dia de homenagem e reflexão sobre essas mulheres.



**Tereza Benguela**  
Líder Quilombola  
Mato Grosso, século XVIII

No Brasil, em 2014 o dia 25 de julho, com a Lei 12.987/2014 passou a ser celebrado o dia Nacional de Tereza Benguela, que foi uma quilombola rainha do Quilombo do Quariterê no séc. XVIII. Ela foi a responsável por tornar este um dos quilombos mais resistentes à escravatura na época, que se localizava no Estado do Mato Grosso. Durante sua liderança, Benguela organizou com maestria e resistência a produção de armas, plantações e sobrevivência dos quilombolas e indígenas que viviam ali. Benguela foi capturada, torturada e assassinada, tendo sua cabeça exposta em praça pública pelos bandeirantes da capitania do Mato Grosso por volta de 1770, tornando-se referência e inspiração para todas as mulheres negras no Brasil.

A luta das mulheres negras perdura até os dias de hoje. Mesmo com as leis impostas nos anos de 2003/2008 (Lei 10639/2003 e 11645/08, que traz a obrigatoriedade da inclusão nas escolas, da história e cultura afro-brasileira e história da África e indígena), 2010 (Lei 12.288/2010 do Estatuto da Igualdade Racial), e 2014 (Lei nº 12.987/2014, Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra), o

preconceito, o racismo, o machismo, o feminicídio, e a invisibilidade da mulher negra continuam sendo problemas sérios em nossa sociedade, que conta com índices elevadíssimos de violência contra essa parcela da população brasileira.

Segundo o IBGE, mais da metade da população do Brasil se auto declara afro descendente, mesmo assim, estão na linha de exclusão social, com menos acesso à educação, saúde e participação na política. Sendo mulher e negra, a linha do abismo social existente no Brasil se acentua ainda mais. Pouquíssimas mulheres negras, e até mesmo indígenas, tiveram destaque perante a sociedade. Mulheres foram e são aguerridas, lutadoras e conscientes de seu papel na sociedade e na história de seu povo.

A representatividade de negros nos principais âmbitos legislativos, ainda segundo o IBGE, é de 0,0001% e, se tratando de negras ocupando uma cadeira a diferença é ainda maior, não chegando nem perto da quantidade de cadeiras ocupadas por políticos homens negros. No entanto, Antonieta de Barros (1901-1952) foi a primeira negra brasileira a assumir um mandato popular no Brasil (séc. XX), Marielle Franco, negra nascida e criada na favela no Rio, elegeu-se vereadora em 2017 e foi assassinada em 2018, Epsy Campbell Barr, com 55 anos, foi a primeira mulher negra a assumir o cargo de vice-presidente na Costa Rica em 2018.

Outras vozes negras também ecoaram na música, nas representações teatrais, no cinema e nos livros, mostrando a resistência negra feminina, como a saudosa Jovelina Pérola Negra (1944-1998), Ruth de Souza (1921-2019), Clementina de Jesus (1901-1987), Yalorixá Stella de Oxossi (1925-2018), dentre tantas outras mulheres negras latino-americana e caribenhas. Um eterno agradecimento a todas, que de alguma forma sempre estiveram ali lutando com as armas que tinham, e é através dessas lutas que muitas negras se encorajaram na oportunidade de manifesto<sup>1</sup>.



Jovelina Pérola Negra



Ruth de Souza



Clementina de Jesus



Yalorixá Stella de Oxossi

<sup>1</sup> As imagens foram tomadas de: acervo globo (Jovelina e Ruth), [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br) (Clementina), [www.bahianoar.com](http://www.bahianoar.com) (Yalorixá)

Pensemos em todas essas, e outras tantas mulheres negras que lutaram e lutam até hoje, numa incessante busca pelo reconhecimento da própria identidade negra, resgatando aquelas que, por anos e milhões de motivos, aceitaram como se natural fosse, o preconceito, o machismo, o racismo, a intolerância de sua religião de matriz africana, a desigualdade salarial entre mulheres brancas e tudo aquilo que foi tirado não só enquanto mulher, mas como mulher negra. Obtendo tal consciência, devemos ter orgulho e honra de continuar a luta de mulheres como: Dandara, Antonieta de Barros, Maria Felipa Oliveira, Aqualtune, dentre muitas outras, que ao menos tiveram registro na nossa história.

A data de 25 de julho, não é somente para comemorar a criação do Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha ou de Tereza Benguela, mas sim para trazer uma reflexão do papel das mulheres negras na sociedade e suas lutas contra tudo aquilo que as fez e que nos faz, vítimas de preconceitos, racismo, machismo, feminicídio e todo tipo de silenciamento, apenas por sermos mulheres afrodescendentes.

Esta luta existiu, existe, e continuará existindo...

Angela Davis disse: *Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.* Victoria Santa Cruz disse: *Gritaram-me negra*<sup>2</sup>



**FERNANDA MARINHO**  
Estudante de Filosofia da UNILA  
Ativista no Movimento Negro  
Produtora Cultural  
**E-mail:** nanda\_foz@hotmail.com

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=RIjSb7AyPc0&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=RIjSb7AyPc0&feature=emb_logo)

## **JULIA BATISTA ALVES**

### **Prosa poética antirracista**



Júlia Batista Alves é Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp Araraquara, 2019), na área de Ensino e Aprendizagem de Línguas. Atualmente é Docente na Universidade Federal da Integração Latino-americana (Unila) onde ingressou em 2016, atuando no ensino de Espanhol como Língua Adicional e nas disciplinas de Fonética e Didática para o curso de Letras. Coordena projetos de pesquisa sobre ensino de pronúncia do espanhol, é membra do projeto de pesquisa "Mulheres Negras entre fronteira: Políticas Públicas e Espaços Sociais de Atuação"

Membra do Núcleo de Estudos Afro-Latino-Americanos (NEALA), linhas de pesquisa: Educação para as Relações Étnico-raciais e América Latina: Diáspora e Interseccionalidade (Cnpq), e do Grupo de Pesquisa em Ensino e Aprendizagem de Espanhol (Cnpq).



**PROSA POÉTICA ANTIRRACISTA**

**Júlia Batista Alves**

Fui dormir cheia de mim, cheia de nós.

Cheia de memórias, de histórias,  
de línguas, de saberes, de amores,  
de avós, de avôs.

Cheia de ancestralidade.

Sonhei.

Sonhei cirandas,

Fogueiras,

Danças,

Luares,

Cachoeiras.

Rainhas, reis,

Princesas, príncipes

Da cor da noite, sorriso cor de lua,

Com suas belezas, riquezas,

Sabores, cores.

Saber coletivo.

Acordei vazia de mim, de nós.

Deu branco.

Não sei quem sou, onde estou.

Fanon.

Máscaras brancas,

Peles pretas.

História interrompida

Memória apagada

Identidade roubada.

Deu branco.

Quem são meus avós, bisavós, trisavós?

Minha árvore genealógica só tem espaços vazios



Não tenho nome, nem sobrenome.  
Deu branco em tudo.  
Estou muda.  
Silêncio, silenciamento.  
Eu não consigo respirar.  
Amnésia forçada, forjada.  
Destruição do imaginário alheio,  
Invisibilização, subalternização.  
Repressão, negação,  
De saberes, sabores,  
Culturas, corpos, amores.  
Ocidentalização.  
Naturalização.  
Colonialidade do poder,  
Do saber, do ser.  
Inferiorização, desumanização.  
Subversão de ideias,  
imaginários, cosmovisões.  
Verdades universais.  
Suas, não minhas, nem nossas...  
História única, nunca mais.  
Histórias, plurais.  
Chimamanda.  
Anoiteceu.  
Quilombo!  
Noite, negra,  
Imensidão.  
Ar puro, negro.  
Enche meus pulmões de ar-história.  
Respira, respira.  
Enche meus pulmões de ar-cultura.  
Respira, respira.  
Me enche de verdade.



Mamãe Oxum,  
Me envolve com seu manto de amor  
Amarelo-ouro, riqueza ancestral.  
Me banha nas suas águas, que correm nas minhas veias.  
Negras águas, negras almas.  
É hora de recordar.  
Ogum te chama pra batalha.  
É hora de recordar.  
Xangô, lance seu raio.  
Iluminai o obscurantismo.  
Omulu, Caboclo,  
Sanem minhas feridas, fechem cicatrizes.  
Yèyé omo ejá,  
Iorubá, Iemanjá,  
Rainha do mar.  
Nos conduza pelas águas de volta  
Ao mais profundo e negro do nosso ser.  
Me enche de verdade,  
Me enche de mim, de nós, de voz.  
Não vou me calar.  
Insurgência, persistência, resistência.  
Me enche de mim, de nós, de voz.  
Marielle.  
Não vão nos calar.  
Justiça, Xangô!  
Respira, respira.  
Enche os pulmões de grito.  
Reparação, reconhecimento.  
Valorização.  
Diferença.  
Pluralidades, histórias, identidades.  
Griots, griottes, memórias, oralidades.  
Aprende, desaprende, reaprende.



Desconstrói, cria, reconstrói.

Afirma, confirma, luta.

Freire, hooks.

Forma, reforma, transforma.

Outros modos de (re)viver,

De poder, de saber

Outros, nós.

Escrever novas vivências,

(Re)existência.

Conceição.

Avós, mães, filhas, netas.

Mulheres, vozes, pretas.

Dandara, Luisa Mahin, Marias

Felipa, Firmino...

Carolina, Lélia, Beatriz

Nascimentos...

Sueli, Petronilha, Neusa

Ana Lúcia, Joice, Aparecidas

Djamila, Grada, Ângelas.

Tantas vozes, tantas outras.

Deu pretas e pretos!

Ubuntu.



**Júlia Batista Alves**

Docente da Área de Letras e Linguística da **UNILA**

E-mail: [julia.alves@unila.edu.br](mailto:julia.alves@unila.edu.br)



---

## CICÍ ANDRADE

---

### Eu, amefricana | vídeo-poema



Cicí Andrade nasceu em Cotia. Estudou na Escola Técnica de Artes de São Paulo, onde desenvolveu especialmente o canto. Atualmente é estudante de Antropologia na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Na área de música, Cicí é cantautora. Seus trabalhos artísticos se destacam por expressar suas convicções sócio-políticas e, por sobre tudo, sua experiência vital como mulher amefricana.

---



Clique no link e assista o vídeo poema

<https://www.youtube.com/watch?v=hnMJEWiOdM4&feature=youtu.be>

**CAMINHO** (Cicí Andrade)

Eu sou pescadora de sonhos  
O sonho que tá mais distante  
É onde joga meu anzol pra catá.  
Os sonhos estão em um rio de águas salgadas,  
É que a água doce foi inundada por lágrimas.  
Lágrimas de quem sou hoje  
Lágrimas de meus ancestrais  
As lágrimas se juntam com as águas doces  
E limpam tudo o que é acúmulo  
Levando o que me atrapalha seguir  
Eu estou cansada  
Mas nunca disse que iria desistir  
Ancestres já me disseram:  
Pisa firme o chão que ainda  
Tem muito caminho  
Pra seguir.

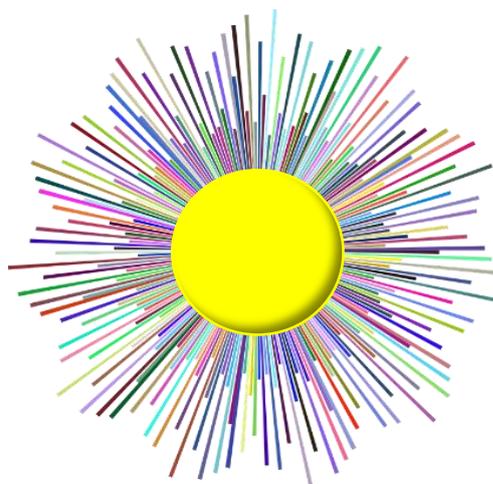
**A CATEGORIA DE AMEFRICANIDADE** (Lélia Gonzalez)

“Quanto a nós, negros, como podemos atingir uma consciência efetiva de nós mesmos, enquanto descendentes de africanos, se permanecemos prisioneiros, “cativos de uma linguagem racista”? Por isso mesmo, em contraposição aos termos supracitados, eu proponho o de *americanos* (...) para designar a *todos nós* (Gonzalez, 1988c).

As implicações políticas e culturais da categoria de *Amefricanidade*, são de fato democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico, e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA é como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de *Amefricanidade* incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (Gonzalez, 1988) ...”

**MINHA IDENTIDADE** (Cicí Andrade)

A minha força vem da minha ancestralidade  
Nem venha querer apagar minha identidade  
Querendo botar em minha cabeça  
Que não pertenço aos meus antepassados  
Porque a minha força vem da minha ancestralidade  
Não é seu colorismo que vai fazer eu esquecer  
De onde vim  
Não sou morena  
Não  
Sou mulata  
Não  
Sou Índia, Guerreira  
Preta!  
Preta!  
Em minha veia corre sangue de luta  
Nem venha com seu racismo  
Querem apagar a minha história  
Minha força vem  
Minha força vem  
Da minha ancestralidade  
Essa é minha identidade  
Não sou morena  
Não  
Sou mulata  
Não  
Sou Índia  
Guerreira  
Preta!  
Preta!  
Preta!  
Preta!



**Instagram e Youtube:** Cicí Andrade

**Email:** cp.andrade.2017@aluno.unila.edu.br

---

**LETÍCIA ABRÃO FERREIRA**

---

**Poesia**

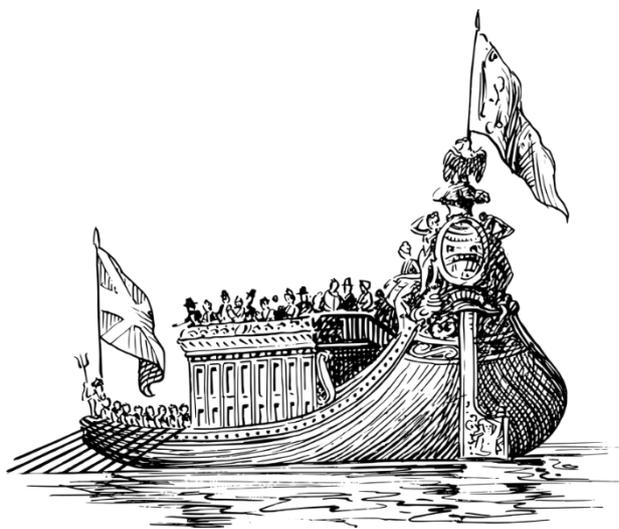


Letícia é de São Paulo. Estudou no CEEJA - Dona Clara Mantelli. Atualmente cursa a carreira de Letras - Artes e Mediação Cultural na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. O poema que nos oferece nesta oportunidade foi apresentado na disciplina Fundamentos da América Latina – FAL.

---

**PRESENTE**

No fundo do Brasil  
No fundo do terreiro  
Há história  
Construída por indígenas, mestiços e africanos  
Construída por ESCRAVOS  
Brasil, onde 54% da população é negra  
Negra de dor  
Negra de mão de obra barata  
Negra de estupro  
Negra de colonização  
Como se conta a história?  
Como sintetizar a América Latina?  
Sem falar dos negros  
De seus filhos  
De seus netos  
De sua cultura



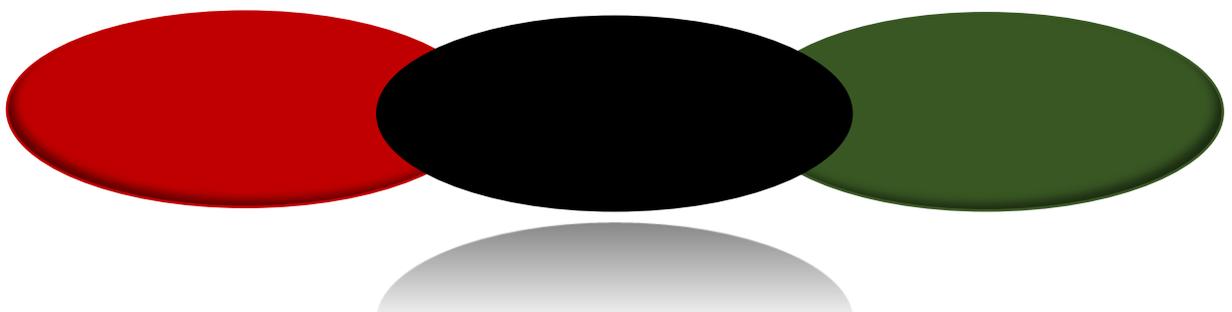
Quando se entra num terreiro se pede licença,  
Exu diz: “Ser humano só não é mais burro por falta de um rabo”  
Falta um rabo  
Falta consciência  
Falta olhar  
Na academia falta preto  
Mas na rua tem limpando o chão  
Tirando o lixo  
Toda segunda, quarta e sexta  
Mas está do lado de fora da sua casa  
Sempre do lado de fora  
Sempre fora da história  
História de corpos que talvez não valha a pena contar  
Quais corpos valeram menos que tabaco?  
Os corpos negros  
Quais corpos valeram menos que rum?  
Os corpos negros  
Quais corpos valeram menos que uma arma de fogo?  
O corpo negro, o meu corpo!  
Mas estivemos presentes  
Nas plantações de cana  
PRESENTE  
Nas minas de ouro  
PRESENTE  
Nas fazendas de café  
PRESENTE  
Nas casas dos senhores  
PRESENTE  
Marielle  
PRESENTE  
Oitenta tiros  
PRESENTE



O mau cheiro impera  
E o espaço para movimentação não existe  
E assim fizemos parte da América Latina  
Assim fundamos o Brasil  
Por fim eu peço  
Se for contar uma história  
Conte-a  
Mas lembre-se de nós  
Lembre-se agora de mim  
Olhe pra mim  
E conte que meu cabelo é crespo  
E que minha pele é escura  
E que eu não sou  
Assim  
Por acaso  
Eu faço parte da história.



**Letícia Abrão**  
Instagram: la.ferrenea  
E-mail: abraoleti@gmail.com



## CLARISSA LOTUFO DE SOUZA

### “Fé no chão” e outras músicas



Clarissa é de São Paulo. Ela canta, compõe e escreve. É estudante do curso de Música na UNILA. Seu trabalho como musicista e pesquisadora se centra, principalmente, no estudo da produção artística e epistemológica de mulheres negras amefricanas. Com efeito, sua produção artística-científica está diretamente ligado a sua vivência como mulher negra. Disse a própria Clarissa: “Entendo a música primeiro como um saber ancestral, desde o cerne da minha família negra. Tive a oportunidade e apoio para estudar música, e vejo que como mulher negra devo ocupar este espaço sem esquecer a minha trajetória, e com a consciência de semear mudança num espaço embranquecido, que é a academia. Meu trabalho autoral é onde me afirmo. Está repleto de minha vivência, minhas memórias e meus afetos, crio sem pretensões mas com a necessidade de dar voz às minhas inquietudes.”



**Apresentação musical na UNILA**

Clarissa: vestido branco, primeira à direita.

As músicas de Clarissa, a continuação, podem ser escutadas no “Show Clarissa e Liz”  
O Show “apresenta músicas autorais de Clarissa Souza, num trabalho conjunto com Liz  
Martinez no violão.” Formou parte da programação do Festival Cultural Virtual do Oeste  
do Paraná.



Show Clarissa e Liz

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DI-25BNeomI&t=91s>

**Tempestade [poesia: planeta inteiro]**

Era gente  
que temia  
a sua fúria  
seu amor

De não ser  
a fantasia  
que o branco  
desejou

O silêncio já foi ferramenta  
de calar tempestade

O silêncio já foi  
já não é  
já não cabe mais

## KULTRUN

BOLETIM DO CENTRO INTERDISCIPLINAR DE LETRAS E ARTES - CILA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
VOL. 2, Nº 5, AGOSTO DE 2020

Condecorado entre palavras  
gestos  
carrega o ódio mascarado  
capitalizado em seu lugar  
em seu lugar

era gente  
que temia  
o cabelo em temporal

quando o tempo fechar  
toda fúria destruirá  
seus castelos brancos  
de papel

Quando Eu canto me refaço  
trago junto escuridão  
E os que temem se desfazem  
do meu peito em trovão

*[Entoar  
toda voz  
de mulher negra-eu  
tomo forma de assumir-me  
planeta inteiro*

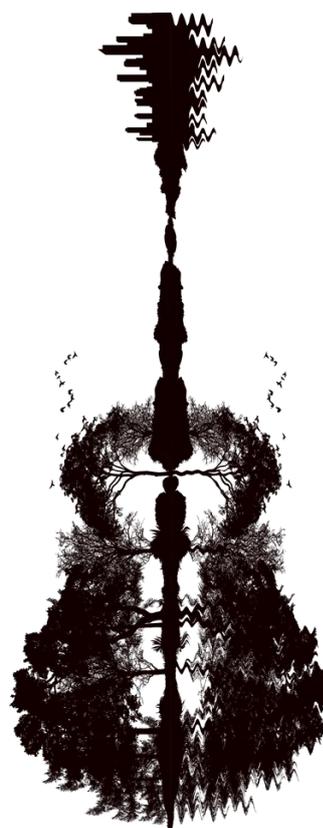
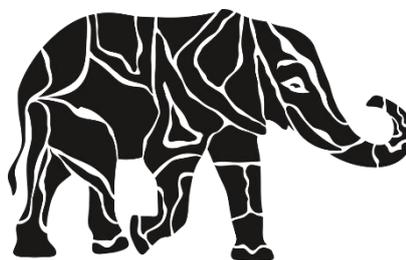
*da poesia negada  
da música negada  
da ciência negada  
da beleza negada  
do amor negado*

*negada na memória branca  
na mentira  
que conta a si mesmo - a si  
todos os dias*

*eu não sou racista  
eu não sou racista  
eu não sou racista  
eu não sou racista*

*você é racista.]*

Quando eu canto me refaço  
trago junto escuridão  
E os que temem se desfazem  
do meu peito em trovão.



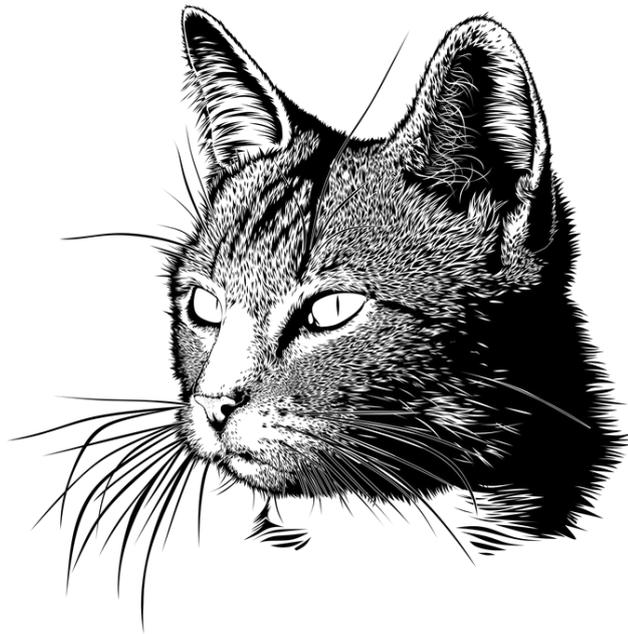
**Fé no chão**

Não tem mistério não  
A minha história faz  
Quem diz que da vida não se cria  
Não se encontra

Já não tenho medo da solidão  
Onde estiver só  
Que eu esteja em mim

Ah, se soubessem  
Ah, se soubessem, mãe!  
Ah se soubessem...

De tanto caminhar  
Tenho fé  
No chão.



**Eu temo o tempo**

Não devo temer ir  
onde desfaz o tempo  
pois estar aqui  
já me diz  
eu já sou  
lembrança

Se pudesse lhe contar  
que ainda não sei cultivar  
as rosas da minha vó  
as curas da minha mãe  
Se pudesse lhe contar  
que ainda não sei cultivar  
as rosas da minha mãe  
as curas da minha vó

eu temo ir  
eu retenho o tempo  
eu temo ir  
eu temo tempo  
que se desfaz  
eu temo tempo  
fugaz



**Amarelo-sol**

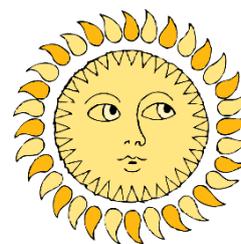
Vou lhe tecer um vestido  
da tua cor preferida  
amarelo-sol  
amarelo-sol

Sendo você tão florida  
vão lhe dançar borboletas  
amarelo-sol  
amarelo-sol

E que o banho de sol  
lhe cure toda ferida  
amarelo-sol  
amarelo-sol

Amarelo sol  
você iluminando meu dia  
amarelo sol  
trazendo vinda de boa vinda

Amarelo sol  
você iluminando meu dia  
amarelo sol  
trazendo vinda de boa vinda



**Clarissa Lotufo de Souza junto a Liz Martínez**

**Instagram:** umaclarissa

**Soundcloud:** clarissacanta

**E-mail:** cld.souza.2016@aluno.unila.edu.br



# KULTRUN

BOLETIM DO CENTRO INTERDISCIPLINAR DE LETRAS E ARTES - CILA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
VOL. 2, Nº 5, AGOSTO DE 2020



Esperamos que hayan disfrutado la lectura y les hacemos la invitación para participar de Kultrun enviándonos sus colaboraciones al e-mail [boletimkultrun@gmail.com](mailto:boletimkultrun@gmail.com)



Algunas imágenes de esta edición fueron tomadas de Pixabay, licencia gratuita y sin reconocimiento.



[www.boletimkultrun.com](http://www.boletimkultrun.com)

© Kultrun | Edição de agosto de 2020